

A REGENERACÃO

AVENÇA

Ano XXIII

Semanário regionalista

N.º 702

Composto e impresso na *Tipografia Figueirense*
Figueiró dos Vinhos

Director, Editor e Proprietário :
Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração — Bairro Teófilo Braga
Figueiró dos Vinhos

CASAS DO POVO

Ambos servidores do Organismo, cada um deles pode, só por si, grangear-lhe tanto o prestígio entre a população como o des-crédito. Muitas vezes se pergun-ta — e alguns o fazem com irri-tante impertinência — se há o di-reito de considerarmos o médico um funcionário da Casa do Povo, sugerindo se assim quase às ordens dum «manga de alpaca». Alguns acham mesmo «acintoso» para a sua posição e para a sua cate-goria receber indicações de quem é menos na escala social. E en-tão vá de manobrar de qualquer jeito para que a Casa do Povo seja nada menos nada mais que a vontade pura e simples do médico. Os dirigentes figuram apenas como bonecos e cartorá-rios fazem de laiaios... No fun-do, é o interesse material, o vil e mesquinho interesse material. O médico restringe a seu talan-te, arbitrariamente, os benefícios da assistência clínica e exerce uma perturbadora acção de com-padrio com os subsídios na doen-ça. O pagamento dos medica-mentos, ou parte deles à farmá-cia quer para os sócios efectivos quer para os contribuintes abran-gidos pelo artigo quinto do Re-gulamento do Fundo de Previ-dência, andarão também muito próximo do favoritismo.

A revolta surge dentro em pouco e quem sofre é a Casa do Povo.

Se os corpos directivos não vêem ou não sabem e portanto não podem distinguir nestes ca-sos o que é legítimo o que é abuso, deve o cartorário assumir a altitude incómoda de defensor dos sócios e mais que dos sócios do bom nome da Casa do Povo.

Os conflitos são inevitáveis quando se chega a esse ponto e, na hora de apurar as responsa-bilidades, lá encontraremos o médico a gritar-nos que não é empregado...

A verdade, porém, é que nu-ma Casa do Povo podem separar-se três categorias de pessoas: os sócios, os dirigentes e os ser-ventuários. Os primeiros pagam as cotas e recebem ou não bene-fícios conforme for o caso. Os segundos orientam a vida da instituição e assumem a respon-sabilidade inteira pela forma co-mo lhe decorrem os passos. O seu trabalho é absolutamente gratuito. E os últimos, porque são remunerados, cumprem ordens e fazem os serviços, o médico dentro do consultório ou à beira dos doentes, o cartorário na secretaria e o cobrador de porta em porta.

O doente, para ir ao médico, precisa de que o cartorário veri-fique se está em dia e lhe passe o talão para a consulta e na vol-ta, antes de ir à farmácia, ali te-

Médicos e Cartorários

rá de voltar para que, na receita, seja indicada a percentagem a pagar pela Casa do Povo e apos-to o respectivo carimbo sobre a assinatura da pessoa designada para prestá-la.

É um trabalho de escri-turação, de arquivo e de estatística o do cartorário. Não interfere nas actividades clínicas, embora se encontrem, se cruzem, se com-pletem em muitos pontos os afa-zeres de médico e de cartorário: lidam com os mesmos sócios e cuidam do mesmo Organismo. Todavia, o médico tem funções de acção directa e imediata e não lhe importa escabichar se o só-cio é pontual ou relapso. Se foi à consulta e vai documentado, isso lhe basta. E o cartorário, entregue aos serviços adminis-trativos e contabilísticos, não dá ordens. É natural que ouça queixas e desabaços. Comuni-ca-os à Direcção e esta é que decide.

Quando o médico e o cartorá-rio se compenetrarem de quais são as obrigações exclusivas de cada um, o primeiro sem a gan-ância que tantas vezes o infe-rioriza e compromete e o segun-do sem a veleidade do mando, a Casa do Povo navegará a todo o pano pelas águas doiradas do bem fazer social, do equilíbrio e do prestígio a que tem jus e cumprirá sem a mínima falha o seu belo programa.

Braga, 19 X 947.

Francisco de Matos Gomes

Reparação de Estradas Municipais

A Câmara vai reparar a estrada Municipal da E. N. — E. v. deira — Bairrão, assim como a da Lavan-deira.

No fim do corrente mês e apro-veitando o cilindro da J. A. E., vai ultimar o cilindramento do resto da Estrada de Arega e o de Almofala que liga as duas estradas nacionais e também a da Aguda na parte entre Almofala de Baixo e a Nacional 237 cuja ligação se ampliou e be-neficiou.

A psicose da baixa de preços

«Estamos em plena campanha, não desistimos dela e havemos de vencer, porque o direito, a moral e a honestidade vencem tudo e ven-cem sempre; não nos lançamos, de resto, a um trabalho de utopia co-mo seria o de pretender a baixa do custo de vida em Portugal, quando, no Mundo em que vivemos e para além das fronteiras que nos cercam, a vida tende a subir; procuramos, unicamente, trazer o custo da nos-sa vida para a sua justa medida, impedindo abusos, cortando espe-culação», que oneravam, desneces-sária e injustamente, a vida de ca-da um.»

Eng.º Daniel Vieira Barbosa, em Castelo Branco—5-11-947

António Antunes Amaro

Acompanhado de seus filhos, es-tava no passado domingo na nossa vila, o sr. António Antunes Ama-ro, a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

QUADRAS AVULSAS

Amor é fruto que mora
Nas rosas dos silveirais
— Quem lá vai por uma amora
Arranha os dedos por mais.

O mundo inteiro o que faz
Para o sossego das gentes?...
— Assina acordos de paz
Com uma faca nos dentes!...

Quanto mais a nora chora
Mais a cultura se anima.
A leitura é como a nora:
— Traz a cultura ao de cima.

Na morte tudo se iguala:
Vaidade, orgulho, ambição...
Seja em jazzgo ou na vala
Que somos nós? — Podridão!...

Porto, 1947.

Francisco Pires

CASA DA COMARCA

DE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Trabalha-se actualmente na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos com o maior entusiasmo na organização do grandioso programa para a festa que a Direcção leva a efeito no próximo dia 10 de De-zembro, no Jardim Cinema, e que será um dos grandes números do programa com que a Direcção que-re despedir-se dos seus associados.

Desse espectáculo, que tudo nos indica vai resultar brilhante, constará a exibição de um esplendido filme, um acto de variedades em que devem colaborar vários e co-nhecidos artistas, e a colaboração de uma boa orquestra. Em breve daremos notícia detalhada do que vai ser essa festa e dos restantes números do sensacional programa

Números da vida portuguesa

Importação de automó-veis e pneus em Agosto

Em Agosto último foram impor-tados 278 automóveis pesados no valor de 12.222 contos e 621 car-ros ligeiros no valor de 24.550 contos; ao todo, 899 carros por 36.772 contos. Houve, em relação a Julho, baixa de 995 carros e 36.849 contos. Em Agosto impor-taram-se 148 T. de pneus e câma-ras de ar no valor de 5.361 contos, ou seja mais de 48 T. e 1744 con-tos do que em Julho.

Música Municipal

Por motivo de se ter despedido o sr. Américo de Oliveira, encon-tra-se sem regente a Música Mu-nicipal.

Um País

de excepção

«A obra do Estado, no seu ren-dimento e no seu êxito, e o es-fôrço colectivo da Nação não têm pa-ralelo em qualquer outro período de realizações da História de Por-tugal.

Vencendo as dificuldades mais imprevistas e as crises mais pro-fundas que se têm gerado no mun-do, ensanguentado e tresloucado, Portugal consegue viver a hora presente como paraíso terreno no meio das calamidades gerais.»

(Eng.º Canceia de Abreu, Ministro do Interior, em Braga, 29-10-947.)

do mês de Dezembro que já figu-ram no calendário.

— Todos os domingos se têm realizado animados bailes que têm sido muito concorridos.

Isto só nos prova que a Direc-ção quer continuar até ao fim do seu mandato no mesmo ritmo de actividade que tem desenvolvido desde o começo do ano, em prol do desenvolvimento desta colectividade e para recreio da sua massa asso-ciativa.

Serviços de

Melhoramentos Urbanos

A fim de visitar as obras de me-lhoramentos urbanos, as já prontas e as que estão em curso, estiveram nesta vila os Engenheiros e Arqui-tectos da Direcção dos Serviços Ur-banos de Coimbra.

Estes senhores seguiram na mes-ma missão para Castanheira de Pera e Pedrógão Grande.

Nova Farmácia

Abriu nesta vila a nova Farmá-cia «Vidigal», que pela forma como está instalada, é mais um melhora-mento que dignifica o comércio da nossa terra.

Jorge Severino

Partiu para Lisboa onde vai cur-sar a Universidade Técnica o sr. Jorge Siqueira de Carvalho Seve-rino da Silva, filho do sr. Augusto Severino da Silva, Chefe da Secre-taria da Junta de Província da Beira Alta.

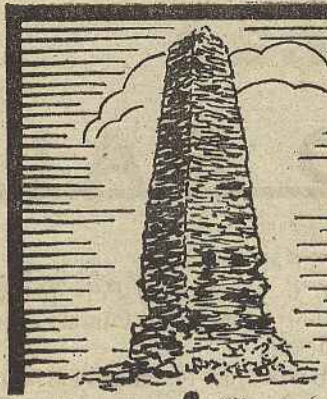
O sr. Jorge Severino, concluiu o seu curso secundário com bastante brilho pelo que é de esperar que no futuro continue a triunfar com o mesmo afinco e vontade.

Desde já felicitamos o novo uni-versitário bem como seus pais.

Instrução

Por motivo de ter sido colocado em Leiria, o sr. prof. Dias Coelho, veio substituí-lo nesta vila, o sr. Ramiro dos Santos Agria, regente do Posto Escolar do Carapinhão.

— Para o Posto Escolar do Ca-rapinhão, informam-nos que vai a regente Maria de Lourdes dos San-tos Silva.



DAQUÉM TREVIM

Número 32

Página Regional de Castanheira de Pera

Ano I

Avença

Redigida por Luso & Egas

Coisas e coisinhas Comentários a um livro

CASAS ECONOMICAS

por Marcus

O desdobrar dos jornais e a audição da rádio vão-nos trazendo notícias curiosas, que, se não envolvessem uma grande soma de responsabilidade, poderíamos considerar anedóticas tal a graça que encerram. Todavia, é bom dizermos já de começo, que o caso não é para graças, mas sim muito para ponderar. Brincar com o fogo, foi, é e será sempre perigoso.

Vem este intróito a propósito do que vai por esse mundo fora, por esse mar de paz condicional, onde as nações são barcos agitados por tempestade que não há meio de acalmar. No que respeita ao nosso país, continuamos a *ser corridos* pelo veto russo, apesar de desejados por todos os membros restantes da ONU! Realmente *ao nu* é que a questão devia ser resolvida. A afirmação ultimamente feita, de nós sermos amigos dos espanhóis e isso constituir motivo para não sermos admitidos no seio das Nações Unidas tem sua pilhéria. E' caso para perguntar: que tem uma coisa com a outra? Não há dentro da UNO países que mantem relações de toda a espécie com Espanha? A afirmação é de quem já não tem mais nada para dizer, semelhante à do lobo, que, sob qualquer pretexto, queria comer o pobre chibito que estava a dessedentar-se à beira do regato. Se não és tu foi teu pai, se não foi teu pai foi teu avô... mas o que tu não pões é os pés cá dentro. Que beleza de argumentos! Que maravilha de raciocínio! Que democracia!

Porque não dizem antes, os srs. Fulanos que prégam a desordem por toda a parte, que não nos querem com eles, por termos sido os primeiros a descobrir as suas intenções e a não enfileirarmos a seu lado, a fim de servirmos de degrau para treparem onde o seu egoísmo e as suas desmedidas ambições os impelem? Fomos, de facto, os primeiros a estender-

lhes a mão, mas o intuito de os conservar a distância, tão somente. A nossa atitude decidida valeu nos alguns reparos, é bem verdade, mas, perante o espectáculo que agora se observa-o de toda a gente se desligar de tão fracos amigos — é para nós uma compensação e motivo para exclamarmos: *Eu não te dizia?*

As nações sul americanas afastam-se; das europeas, só as que não podem e, mesmo destas, afastam-se os que podem, como se verifica pelas recentes fugas de políticos que, segundo parece, são condenados à morte por desejarem ser úteis ao seu país.

Os exemplos colhidos há dias, quando das eleições municipais em França e em Inglaterra são edificantes e dizem tudo. E então com a França, com essa filha dilecta e predilecta do bolchevique é que o caso foi falado! Lá o que sucedeu com o Brasil, isso é o menos... fica tão longe... Mas a França, aquela amada que estava quase a sucumbir perante a onda do asiático, isso é que é e será falado.

Não nos surpreendeu em demasia a atitude francesa, pois a verdade é que a sua história é semeada de actos semelhantes, de resistência a intromissões estrangeiras, quer, à custa dos seus valiosos cofres, quer das valiosas vidas dos seus filhos. A alma francesa mais uma vez se manifestou grande perante o perigo e sequiosa de o esconjurar.

E, como tudo isto foi visto há muitos anos pelos portugueses de senso, como o perigo foi ventilado e apontado pelos meios ao nosso alcance, tanto a amigos como a indiferentes, e se vem provando por A mais B tudo quanto dissemos, eis a razão da porta não se abrir, ou mais exactamente de, depois dela aberta, a vermos inacessível, barrada por um veto sem autoridade moral de qualquer

A Editorial Gleba, na sua já numerosa colecção policial, acaba de incluir um romance de HARMAN LONG, uma novela que, no género, temos de concordar ser bem urdida.

O autor, duma prodigiosa imaginação, controlada por um bom senso indiscutível, consegue apaixonar o leitor e, seja dito de passagem, que o obriga a sensações fortes, quase como se tomasse parte na odisseia.

SETE PARA MATAR é o nome do livro. O título é sugestivo, mas quem não ler a obra nada fica a saber, como é evidente. Fazemos esta afirmação, para basearmos outra: quem a ler fica a saber tudo e a forma de se acautelar em idênticas circunstâncias.

SETE PARA MATAR não pertence a contos da carochinha — para meninos são esplêndidos! — nem aque a literatura relâmpago de que já temos falado. E' acima de tudo, um tratado de lógica, de dedução perfeita, à mistura com o impressionismo e mistério próprio deste género de leituras.

E só assim se compreende que o Almirante Alberto Aprá se tivesse posto a traduzir o SEVENTO DIE e a Editorial Gleba a editar a tradução, uma vez que tem provado sobejamente editar obras de merecimento e não de fancaria como algumas que andam para aí.

Pedimos, desculpa ao Prof. J. Nunes Pinto de somente no próximo número fazermos alguns comentários ao livro *Os cegos por esse mundo*, cujo envio muito agradecemos.

A lande e os porcos

A *porcaria está de parabens!* Ele sempre há por aí lande que é uma coisa por de mais. O demónio é que os porcos, com a abundância até já nem lhe pegam. Cheiram, cheiram e, só não fazem o resto, porque porcos são porcos e cães são cães.

espécie, por alguém que, em última análise, paga ingratamente o serviço que lhe prestamos, por consideração àquelles a que estava ligado. E agora arrumam-lhe com os espanhóis!... Ainda se fosse com as espanholas!

Já diversas vezes temos ventilado este assunto e por mais que nele se fale, nunca é de mais enquanto não for uma realidade a construção de uma boa série de casas económicas nesta vila.

Essas casas tornam-se de uma urgente necessidade não somente para as classes trabalhadoras vivendo actualmente em parteiros sem as devidas condições de higiene e salubridade, mas também para outras classes e especialmente para o funcionalismo que mercê da imposição dos seus cargos aqui tem necessidade de se instalar.

Verifica-se que não tem onde

O tempo que faz

Pelo menos agora, faz bom tempo. Não sabemos o que por aí irá quando esta notícia vier em letra redonda Naturalmente, é capaz de chover a bom chover, para gaudío de patos e satisfação de todos nós, pois a seca já vai grande.

E' hoje dia de S. Martinho e perto da noite. E porque é dia de S. Martinho, lembramos-nos de muitas coisas que já fizemos e de outras que gostaríamos de fazer: boa pinga, bons petiscos, boa laracha, eis o natural do dia. Tudo isto já passou por nós mas... assim como assim... não nos púnhamos ainda de fora.

A par disto, também nos lembra a lenda de S. Martinho que não sabemos se é do conhecimento de todos os nossos amigos leitores. Ei-la a traços largos, que é bem engraçada.

Conta-se que um dia um cavaleiro chamado Martinho ia de jornada para algures. Foi isso num onze de Novembro. O frio já apertava bastante e nem todos tinham agasalhos.

Martinho, porém, levava uma riquíssima capa, com a qual se embrulhava à vontade, pois fazia frio de verdade.

A meio da jornada topa um

o faça e isso somente prejudica esses funcionários e também esta vila para onde ninguém quer vir por tal motivo.

Há que pensar a sério neste assunto e procurar dar-lhe uma solução qualquer.

Com referencia à construção de casas para operários, assunto que vem de há muito sendo debatido pelos Organismos da Indústria de Lanifícios verifica-se: haver a promessa de não ser esquecida a Castanheira na construção de casas de iniciativa da FNIT, mas a verdade é que se vê que essas construções se vão fazendo em localidades onde já as havia e aqui vão ficando para melhor oportunidade. Não seria de muito melhor acerto que em vez de se fazerem 50 numa parte, se fizessem menos e aqui se fossem construindo algumas, embora poucas somente para demonstrar que esta terra não ficou esquecida?!

Que dizem a isto os Organismos Corporativos locais, Grémio e Sindicato? Não seria conveniente tornar público daquilo que de positivo há sobre este assunto para que não façamos, por ignorância maus juízos?

Aguardemos.

pobre a tiritar e que lhe pede agasalho. Palavras não eram ditas e já o pobre tinha metade da capa às costas, pois Martinho era caridoso e o que lhe pertencia, também era dos outros.

Lá mais adiante, o nosso cavaleiro encontra outro pobre, que afinal, era o mesmo pobre. E lá vai a outra metade da capa a agasalhar, o desgraçado.

E foi então que se deu o milagre do *Verão de S. Martinho*: um sol muito quentinho começou a confortar o cavaleiro, que à míngua de agasalho já temia tiritar, como o pobre a quem socorrera... e que, diz a lenda, era o próprio Deus.

Agência Comercial de Representações

Apartado 6

Telegramas: EDUSILVA

Telefone 13

VENDAS A PRESTAÇÃO COM BONUS

Nas secções de: Camisaria—Chapelaria—Rádios e Electricidade—Móveis—Papeleria—Utilidades domésticas—Novidades—Grande sortido de fatos-macado com fecho de correr

MÁQUINAS E ACESSÓRIOS PARA A INDÚSTRIA

Estabelecimento: Rua Dr. Eduardo Correia - Escritório: Rua Manuel Antunes Cepas - Castanheira de Pera



Vida de Coimbra!

Ao Som...

Continuando-se a mesma secção somos lavados a descrever uma cena que ainda não foi alvo dos escritores académicos—*Uma Serenata*. Chegava melancólica e triste a tarde do dia 31 de Outubro. Alguns colegas entram no meu quarto e convidam-me para uma serenata. Como não havia aulas no dia seguinte aceitei o convite. Retiraram-se. Anotícia. Os últimos clarões do Poente mal luzentavam os cumes das montanhas, — diuham-se no espaço — e do céu, áquelas horas vinha caíndo a paz e o silêncio. Depois... soaram as trindades na velha torre de S. Bartolomeu. A vida foi aos poucos adormecendo. Submergia nas trevas ficando atrás de si a noite mais negra, e mais profunda a solidão.

Ouviram-se as 23h e 45^m e todos aparciavam no lugar combinado onde se afluaram as guitarras e se escolheu o tom correspondente á voz do nosso cantor figueirense Não digo quem é e espero que a Emissora vo-lo apresente, por mim, em fins de Novembro.

Dispersos por vários grupos chegámos onde desejávamos. Um grupo de oito foi para o cimo da rua com o simbolo da amizade que se dedica aos polícias e dispostos a mostrá-lo a estes, se tanto fosse necessário (a moça) o mesmo succedeu no fundo da referida rua.

Sentados 3 guitarristas e dois violas no passeio oposto da avenida começaram a vibrar as cordas que gemiam e exaltavam o fado de Coimbra.

E ouvia-se:

Não digas não, dize sim,
Muito embora amor o não sintas,
O não envenena a gente,
Dize sim, ainda que mintas.

Acendeu-se a luz em sinal de reconhecimento.

A cena era maravilhosa. Os estudantes cobertos com a capa confundiam-se na sombra das arvores, o som nascia claro e nítido, o transeito, impedido, dava maior sossego ao local e a lua impressionada começava a querer identificar os vultos cobertos com um pano preto que é mais do que pano, que é mais do que fato. Fixámos na janela o nosso olhar. As cortinas brancas com que o vento brinca movem-se no escuro parecendo ora doiradas pela luz do candeeiro ora de prata, quando, esvoaçando alcançam a réstea de luar que se ecoa por entre os ramos.

Retiramo-nos e seguimos para casa. Dítamo-nos e, adormecidos, repetíamos o acto anterior em sonho. Porém o luar foi substituído pela luz do Sol.

Alvorecia. Pela janela vi dourarem-se as núvens do Nascente largas e finas como pétalas de girassol.

Quem poderá esquecer ou deixar de recordar uma serenata na Lusitânia dos académicos. Coimbra vive dentro de nós em sentimento como nós vivemos dentro dela em realidade.

Ficarão sempre patentes na memória portuguesa, pelos menos, *Coimbra dos estudantes e os estudantes de Coimbra*.

F. de C.

... da Guitarra

CANTIGAS DE COIMBRA

Se soubesses como fazes,
O meu coração em postas,
Quando vou atrás de ti,
E sobes o Quebra-Costas!

O' Coimbra, ó Cidade
Onde o meu amor estuda.
O Penedo da Saudade
Até deixa agente mudar!

Telegrama dum filho ao pai:
•Saude por lá, Dinheiro para cá.
Resposta do pai:
•Saude por lá, Dinheiro por cá.

O meu amor já chegou...
Vem quismadinho das praias
Está farto de ver pernas
Mas agora só vê saias.

Meus Castelos

Alguém, um dia, muito de mansinho,
sempre a meu lado, alegre m'ajudou
a architectar meus castelos e abalou,
fugiu, foi seguir outro caminho.

Foram feitos com todos os carinhos,
enfeitados de quimérico ideal,
construídos os eu, no areal
e depressa me caíram, pobrestinhos!

Ficaram a meus pés desmoronados,
e os esforços que fiz foram baldados,
para, de novo, tornar a levantá-los.

Meus castelos dum sonho tam bonito,
em que julguei guardar o infinito
tam cedo fugiram... mas, deixá-los!

Évora

Micau

CARREIRA Electrificação

DO PAIZ

Para a nossa provincia de Angola partiu, acompanhado de sua esposa no dia 7 do corrente, o nosso amigo e assinante sr. Mateus Assunção—de Chimpeles.

—Estiveram nesta vila, a quem tivemos o prazer de cumprimentar o sr. João Augusto Abreu, sua esposa e cunhados da Figueira da Foz.

—Na nossa redacção cumprimentámos o sr. Alfredo Mendes da Silva, dos Moninhos, que veio inscrever nosso assinante o sr. José Tomás de Abreu—Santos—Brasil, e pagar a assinatura.

—Cumprimentámos ainda, na nossa redacção o nosso assinante e amigo sr. José Henriques, cantoneiro hidráulico, de Vila Facaia.

Dentro da esfera das grandes realizações do Estado em atenção ao desenvolvimento comercial e industrial do País, o plano de electrificação é dos que atingem maior valorização económica nacional.

A politica do aproveitamento de energia hidró-eléctrica, quer pela montagem de novas centrais, quer pela valorização e maior potencial das já existentes, é das obras, lavadas a efeito pelo Estado Português, que mais contribuirão para a nossa emancipação económica.

A repercussão de tal empreendimento é fácil de antever se atendermos ao que se passa já hoje nas regiões mais beneficiadas.

Com efeito, sirva-nos de exemplo a vasta região da Serra da Estrela, uma das mais electrificadas do País, a qual além de nos dar, dentro do sector governativo, o crescente desenvolvimento prescrito no seu pla-

no de electrificação, nos deixa avaliar o que será o País quando se encontrar amanhã totalmente electrificado.

Basta que tenhamos em atenção que, devido aos 22.000 Kw das suas centrais, a vasta superficie industrial daquela região pôde, sem quebra de continuidade, suportar as consequências da guerra e manter o seu ritmo de produção, quando é certo que outros centros se viram coagidos pelas circunstâncias anormais a diminuir ou paralisar o volume do seu trabalho.

Ora, dentro do plano estabelecido pelo Governo, os novos grupos a instalar nomeadamente na região da Serra, fixarão uma potencia de 55.000 KWA, o que significa um maior beneficio não só para os distritos já abrangidos—Viseu, Guarda e Castelo Branco— como para os que venham a ser no futuro. E conjugando ainda este aumento de potencia das centrais de Sabugueiro, Nossa Senhora do Desterro, Ponte dos Jugais e Vila Cova com o aproveitamento total das águas da Lagoa Comprida e com outras obras a realizar dentro do plano previsto, em breve teremos esta região a produzir não 35 milhões de KWH, que tal é o volume da sua energia, mas um valor total de 90 a 100 milhões.

Fácil é compreender então, pelo exemplo apontado, a crescente valorização eléctrica do País dentro do plano que vem sendo executado, o que será amanhã Portugal, sem esquecer que a Serra da Estrela com os seus 35 milhões de KWH actuais conseguiu já electrificar totalmente a maioria das suas zonas, até mesmo as mais pequenas aldeias, sendo de tal forma baixo o preço da energia que permite a sua utilização em larga escala no consumo caseiro, superior, por individuo ao das grandes cidades do País.

Assim o Estado Português, oferecendo ampla oportunidade à iniciativa das entidades particulares, conjuga com ellas os seus directos esforços em atenção ao progressivo desenvolvimento económico do País e à melhoria da vida do povo português.

Domingos Duarte

Médico Municipal
Sub-Delegado de Saúde
Figueiró dos Vinhos

ALGUEM

Em preito de saudade
eu dedico a ALGUEM
linhas de eterna amizade
nesse mundo do além..!

E que se vê à noite,
nesse ermo... solitário...
campeando a lua sózinha,
por triste sudário..!

E, nessa tarde sombria
de outono pesado, triste...
foste inerte, fria...
no sono eterno caíste.

Sobre tua jazida,
luz de sinistro alvor;
restos de terra mechida...
ao cimo, a cruz do Senhor.

Teus lábios emudeceram,
tuas pálpbras se cerraram,
os sentidos se perderam
lentamente se finaram.

Mais uns dias, alguns meses...
e a campa erva cria,
lembra-se o morto por vezes,
de todo o esquecem um dia.

E's levada a enterrar
entre preces rituais
e o blangente dobrar
da funéreas sinais.

E, uns anos mais volvidos,
são osses desconjuntados...
em breve, também sumidos
no pó dos antepassados.

E, junto ao cipreste esguia
lá ficaste em cova funda;
são vermes a companhia
que nesse local abunda.

Já de ti há só memória
se porém, ainda existe,
a morte alcançou vitória,
a matéria não resiste.

(Continua)

Novembro de 1947

M. Gonçalves

"A Regeneração," DOS NOSSOS ASSINANTES

Foram pagas as assinaturas dos nossos amigos e assinantes:

Maviel Henriques, António Alexandre Correia, Alfredo Correia, Manuel B. Salgueiro, Adelino Carlos Henriques, Libânio Simões, Manuel Henriques Carvalho, António Vaz Henriques, Manuel Duarte Prior, João Henriques Dias, António de Almeida, Abílio da Silva Nunes, Manuel H. de Carvalho, José Tomás Henriques, Vicente da Silva, José Simões Cövado, Adelino Tomás, Manuel Rodrigues Lopes, José Simões, Manuel Nunes Fernandes, Alberto Rodrigues, Carlos Henriques, Manuel Tavares dos Santos, Manuel da Cruz Pombal, Francisco Simões Claro, Cesar de Carvalho, Pedro Alves, Centro I. R. União Coentronense, Joaquim Ventura, Alfredo Mendes Delgado, Alfredo Lopes David, Manuel Antunes da Silva, Alfredo Tomás de Jesus, Abel Barreto de Carvalho, Joaquim Correia Neves, Américo Antunes Coelho, José Correia de Carvalho, António Rodrigues, António Plácido David Albano Antunes Morgado e Abdias Al-

ves Bernardo; de Castanheira de Pera.

Werther do Valle Santos, Congo Belgá; José Coelho David, Pedro-gão Grandé; Manuel Simões Ventura, Évora; Tomás Serra, Artur Lourenço, Joaquim Lourenço Júnior e Eduardo Lourenço, Lisboa; David Soares Antunes, Aljzur; Higinio de Castro, Ponte de Lima; dr. Alfredo Coelho da Silva e António Freire de Oliveira, Ancião; D. Aida Dias de Sousa, Braga; Alfredo Francisco do Santos, Ferreira de Z zere; Ulisses António da Conceição, Pombal; dr. João da Silva Martins, Constança; Carlos Coelho & Irma, Aljustrel; Manuel Lopes dos Santos, Brasil; Manuel da Silva Feitor, Alcobaca; António Eduardo Gonçalves, João Augusto Abreu e José Simões, Figueira da Foz; João Lopes Rocha e Herculano Silveira Herdade, Faro; João dos Santos, Monchique; Manuel Abreu e Virgilio dos Santos Matos, Cuba; João Subidet Júnior, Castelo Branco;

Cobrança
Para regularidade dos nossos serviços de Administração, continuamos a pedir aos nossos estimados amigos e assinantes, das freguesiaes rurais o favor de satisfazerem na nossa Redacção a importância das suas assinaturas em débito.

Aos nossos assinantes a quem temos feito a cobrança pelo correio e que nos foi devolvida sem liquidação, rogamos o obsequio de satisfazerem as importâncias em débito pois que nova cobrança de devoluções scarrreta sempre grandes despesas não compensadas.

— De novo apelamos para os nossos assinantes das Colónias e Estrangeiro, ou seus procuradores para liquidarem as suas assinaturas em atraso.

A todos, os nossos agradecimentos.